

**DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA
REVISÃO E REDAÇÃO**

SESSÃO: 137.3.52.0

DATA: 21/06/05

TURNO: Matutino

TIPO DA SESSÃO: Solene - CD

LOCAL: Plenário Principal - CD

INÍCIO: 9h48min

TÉRMINO: 11h54min

DISCURSOS RETIRADOS PELO ORADOR PARA REVISÃO

Hora	Fase	Orador

Obs.:

CÂMARA DOS DEPUTADOS

Ata da 137ª Sessão, em 21 de junho de 2005

Presidência dos Srs.
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

ÀS 9 HORAS E 48 MINUTOS COMPARECEM À CASA OS SRS.:

Severino Cavalcanti
José Thomaz Nonô
Ciro Nogueira
Inocêncio Oliveira
Nilton Capixaba
Eduardo Gomes
João Caldas
Givaldo Carimbão
Jorge Alberto
Geraldo Resende
Mário Heringer



I - ABERTURA DA SESSÃO

O SR. PRESIDENTE (Severino Cavalcanti) - Declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus e em nome do povo brasileiro iniciamos nossos trabalhos.

II - LEITURA DA ATA

O SR. PRESIDENTE (Severino Cavalcanti) - Fica dispensada a leitura da ata da sessão anterior.

O SR. PRESIDENTE (Severino Cavalcanti) - Passa-se à leitura do expediente.

O SR., servindo como 1º Secretário, procede à leitura do seguinte

III - EXPEDIENTE



O SR. PRESIDENTE (Severino Cavalcanti) - Finda a leitura do expediente, passa-se à

IV - HOMENAGEM

O SR. PRESIDENTE (Severino Cavalcanti) - Esta sessão solene destina-se a homenagear a memória de Leonel de Moura Brizola, ao ensejo do transcurso do primeiro ano de seu falecimento e foi requerida pelo nobre Deputado Enio Bacci.

Registro com muita satisfação a presença na Casa dos alunos do Centro de Ensino Fundamental GAN, na Asa Norte, e do Centro de Ensino Médio de Ceilândia Norte e externo meu abraço afetuoso a todos. (*Palmas.*)

Convido para compor a Mesa o Exmo. Sr. Senador Pedro Simon, uma das grandes reservas da Pátria. (*Palmas.*)

Convido também o Sr. Gilson de Brum, Prefeito de Jacuizinho, representante dos Prefeitos do Estado do Rio Grande do Sul; o jornalista José Woitchumas, representante da Imprensa; e o nobre Deputado Enio Bacci, autor do requerimento para a realização desta sessão solene. (*Palmas.*)

Convido todos a ouvirem, de pé, o Hino Nacional.

(*É executado o Hino Nacional.*)



O SR. PRESIDENTE (Severino Cavalcanti) - Exmo. Sr. Senador Pedro Simon, em nome de quem saúdo toda a Mesa, Sras. e Srs. Deputados, senhoras e senhores, prezados e queridos estudantes, sejam bem-vindos a esta Casa.

Há exatamente 1 ano, o Brasil perdia uma figura política de extensa biografia e intensa vida pública. Leonel de Moura Brizola partiu aos 82 anos de idade, deixando um legado moral de alta conta para todos os brasileiros. Presidente de honra do partido que ajudou a fundar, o Partido Democrático Trabalhista, e Vice-Presidente da Internacional Socialista, às vésperas de seu falecimento, fazia questão de manter contato com políticos cariocas, a fim de sedimentar as articulações para as eleições municipais que se seguiriam.

Esse o firme caráter de um homem de origem humilde, cujos pais, mãe professora e pai lavrador, serviram-lhe de inspiração e exemplo por toda a vida.

Brizola iniciou a carreira política em 1947, ao ser eleito Deputado Estadual, reelegendo-se em 1950. Dali, alçou-se a esta Câmara dos Deputados, à Prefeitura de Porto Alegre e ao Governo do Rio Grande do Sul.

A notoriedade cabal e definitiva veio em 1961, quando se colocou com firmeza junto à democracia, ameaçada pela crise político-militar que se seguiu à renúncia do Presidente Jânio Quadros. Liderou um movimento pela legalidade, que alimentava com um estúdio de transmissão montado nos subterrâneos do palácio do governo gaúcho e conectado a uma cadeia de emissora de rádio.

A campanha alcançou pleno sucesso, tornando obrigatória a adoção de um sistema parlamentar de governo e garantindo a posse do então Vice-Presidente João Goulart.



Em 1964, sabemos todos, o golpe militar exilou muitos brasileiros, entre eles Brizola, para só voltarem ao Brasil com a anistia assinada em 1979. De volta à cena política, elegeu-se, em 1982, novamente Governador, agora do Rio de Janeiro, repetindo o feito em 1990.

Embora tenha amargado derrotas nas disputas eleitorais desde então, é de registrar na memória nacional que Leonel Brizola jamais se deixou abater pelos resultados negativos, muito menos por palavras de desestímulo ao prosseguimento da vida pública.

Os anos não lhe pesavam, Sras. e Srs. Deputados, tanto que admitira a possibilidade de voltar à disputa pela Presidência em 2006.

Quando esta Casa se reúne para homenagear homens públicos da grandeza de Leonel Brizola, cai por terra toda e qualquer desavença ideológico-partidária para dar lugar ao mais puro sentimento de admiração e respeito por quem soube pautar sua longa vida sempre pela coerência moral e política.

Portanto, é por demais justa a homenagem que prestamos a esse grande líder, que honrou todos os mandatos que exerceu, em toda a sua plenitude.

(Palmas.)



O SR. PRESIDENTE (Severino Cavalcanti) - Neste momento, assistiremos à apresentação de um vídeo institucional.

(Exibição de vídeo. Palmas.)



O SR. PRESIDENTE (Severino Cavalcanti) - Convido para compor a Mesa o representante da Casa Civil da Presidência da República, Sr. Rogério Favretto.

(Palmas.)

Quero registrar a presença da jovem, bonita e encantadora Meire Martins, que tão bem interpretou o Hino Nacional. Parabéns! *(Palmas.)*



O SR. PRESIDENTE (Severino Cavalcanti) - Concedo a palavra ao autor do requerimento, nobre Deputado Enio Bacci.

O SR. ENIO BACCI (PDT-RS. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Deputado Severino Cavalcanti, Sras. e Srs. Deputados, demais autoridades que compõem a Mesa, de forma especial o Senador gaúcho Pedro Simon, que conheceu tão bem este líder lembrado hoje, o ex-Governador Leonel de Moura Brizola, e com ele conviveu em tantas oportunidades; estudantes que tão bem representam o grande sonho de Brizola e sua pregação de que a única salvação para um país é a educação — certamente Brizola estaria emocionado ao ver estudantes aqui presentes representarem de forma viva a sua causa — e todos aqueles que nos assistem pela *TV Câmara*, em primeiro lugar, queremos lamentar a ausência de duas importantes figuras que haviam confirmado presença neste evento. Trata-se do ex-Governador Miguel Arraes, com o qual tive contato há cerca de 15 dias. S.Exa. nos disse que teria muito orgulho, muita satisfação de estar aqui nesta data que lembra um ano do falecimento de Brizola, mas, lamentavelmente, problemas de saúde não permitiram que ele estivesse aqui. E queira Deus que ele melhore, pois as informações que temos a respeito de seu estado de saúde são preocupantes. A outra figura a que me refiro é arquiteto Oscar Niemeyer, com quem tive também a satisfação de conversar pessoalmente e de convidar para este evento. Contudo, Niemeyer ponderou que esteve em Brasília há pouco tempo, que tem quase 100 anos de idade e que continua sem andar de avião. Então, certamente, seria extremamente difícil para ele estar aqui, em face de sua avançada idade. Mas Niemeyer lembrou a importância de Brizola justamente pelas lições de ética e seriedade que deixou a todos aqueles que ainda acreditam neste País.



Hoje, em vários pontos do País, estão sendo prestadas homenagens a Brizola, ao ensejo do transcurso do primeiro ano de seu falecimento. Em São Borja, no Estado do Rio Grande do Sul, encontram-se praticamente todas as lideranças do PDT, os membros da própria Executiva Nacional, com seu Presidente, Carlos Lupi, Senadores, Deputados e até lideranças de outras siglas partidárias, que têm o objetivo de homenageá-lo. E não poderíamos deixar passar em branco esta data neste plenário da Câmara dos Deputados.

É com emoção que ocupo esta tribuna para falar de Leonel de Moura Brizola, que nasceu no ano de 1922, no povoado de Cruzinha, Município de Carazinho, que à época ainda tinha coqueiros do sul de Santo Antonio do Planalto, Município aqui representado pelo seu Prefeito.

De família humilde, Brizola perdeu o pai muito cedo e talvez a isso se deva seu apego à sua mãe, D. Oniva. No berço recebeu o nome de Itagiba; depois, foi rebatizado com o nome de Leonel.

Estudante de Engenharia, ingressou na política em 1945, no recém-fundado PTB, para apoiar a política social de Getúlio Vargas. Foi um universitário atípico, uma vez que, na época, todos os seus colegas eram comunistas ou udenistas. Brizola seguiu outra linha. Isso prova que, por conta de sua dura infância pobre, vivida com muitas dificuldades, sempre teve grande identificação com as classes trabalhadoras. Atípico também porque, apesar da idade, não aderiu nem aos ideais das elites muito menos àqueles que não acreditava serem oportunos para o momento. Sentia muito orgulho pelas causa populares.

Brizola conviveu em estreitos laços com o Presidente Getúlio Vargas, que defendia um nova proposta chamada “trabalhismo”. Além de padrinho político,



Vargas também era seu padrinho de casamento, e, no curso das grandes lutas travadas na época, Brizola cresceu afirmando-se como principal líder da esquerda brasileira. Tal era seu prestígio que, quando saiu do Governo do Rio Grande do Sul, candidatou-se a Deputado Federal pela Guanabara, alcançando a maior votação registrada na história brasileira. Antes disso, em 1955, foi Prefeito de Porto Alegre, onde implementou uma administração moderna, com os olhos voltados para o futuro. Realizou um mutirão de obras para a canalização de água para todas as vilas populares, construiu redes de esgoto — foram mais de 110 quilômetros de rede e mais de 80 quilômetros de esgoto —, construiu casas populares e a ponte sobre o Rio Guaíba. Criou ainda um amplo programa de reaparelhamento de equipamentos rodoviários, implantou o ônibus elétrico *trolleybus* e, como não poderia deixar de ser, construiu 137 escolas primárias para 35 mil alunos. Entre tantas obras, deixou uma marca de austeridade e zelo pela coisa pública.

Brizola governou o Rio Grande do Sul de 1958 a 1962, onde deixou marcas profundas, além de mostrar a sua firmeza ao estatizar duas multinacionais na época, a ITT e a Bond and Share. Em seu Governo, construiu mais de 6 mil escolas e ainda criou o Instituto Gaúcho de Reforma Agrária, entregando mais de 14 mil títulos de posse a agricultores sem terra. E aí lembramos o mais famoso dos assentamentos, o Banhado do Colégio. Implantou a Aços Finos Piratini, a Refinaria Alberto Pasqualini, a Caixa Econômica Estadual. Foi nessa época que aconteceu um dos episódios mais bonitos da vida nacional e do qual nós, gaúchos, orgulhamo-nos. Refiro-me à Campanha da Legalidade, quando o Governo do Estado do Rio Grande do Sul cumpriu o dever constitucional de defender a lei e a Constituição e assumiu o papel que lhe coube naquela hora. No momento em que o Presidente Jânio Quadros



havia renunciado, a lei previa que o Vice-Presidente, João Goulart, deveria assumir. Brizola assumiu posição inalterável de não pactuar com golpes ou violência e se manteve firme em defesa da ordem constitucional e da liberdade.

No Parlamento, Leonel Brizola tornou-se o grande líder das esquerdas e coordenou o principal grupo de pressão pelas reformas de base, principalmente articulando o projeto de reforma agrária — isso já nos anos de 1960 —, que a seu ver devia ser feita na marra. Integrou a Frente Parlamentar Nacionalista, junto com Francisco Julião, a quem se deve a célebre frase que se refere a Brizola: *"Nunca tinha visto tanta pátria num só coração"*.

Brizola utilizava intensa e vivamente o rádio e percorria os Estados da Federação mobilizando o povo com discursos vibrantes, para forçar as reformas de base. Nesse ambiente é que se desencadeou o golpe militar de 1964. Numa época em que Brizola caminhava a passos largos para a Presidência da República, veio o golpe de 1964. Uma pesquisa de opinião pública feita em 1964, dias antes do golpe, apontava a preferência por Brizola para a Presidência da República, com 27% da intenção de votos, seguido por Juscelino Kubitschek, com 22%, e Carlos Lacerda, com 20%. Certamente, aos militares nenhum dos 3 servia, principalmente os 2 que estavam nas primeiras colocações. Abateu-se sobre nós, a partir de 1964, grande escuridão.

A ditadura impôs a pena mais cruel a um nacionalista como Brizola: o exílio. Foram longos 15 anos. Foi um longo isolamento no Uruguai, mas era tão grande seu prestígio que mesmo distante influenciava as eleições, principalmente no Rio Grande do Sul. E foi no Uruguai que, em 1977, pressionado pela ditadura brasileira e governantes uruguaios, buscou outros caminhos. Acabou expulso do Uruguai e foi



buscar asilo na Embaixada dos Estados Unidos, onde alcançou o apoio do Presidente Carter. A partir daí Brizola voltou a crescer, agora como líder latino-americano. Nessa condição mudou-se para Portugal. E foi em Lisboa que, com o patrocínio de Mário Soares, ingressou na Internacional Socialista, onde foi eleito vice-presidente e passou a conviver com François Mitterand, Olav Palm, Willy Brandt e outras lideranças. Brizola realizou, em 1978, em Lisboa, o mais famoso encontro de trabalhistas do Brasil, com o firme propósito de fazer renascer o PTB, Partido Trabalhista Brasileiro.

Surgiu do célebre encontro a *Carta de Lisboa*, documento histórico que serve até os dias de hoje como exemplo para os trabalhistas. Mesmo longe do Brasil, Brizola se destacou como principal adversário do regime militar. Mantinha intacto, mesmo no exílio, grande apoio popular.

Na sua volta ao Brasil, continuou suas históricas lutas. Elegeu-se Governador no Estado do Rio de Janeiro. É o único caso em nossa história de um político que, tendo sido Governador em um Estado, consegue se eleger em outro Estado. Anos depois, Brizola pôde escolher entre reeleger-se no Rio de Janeiro ou voltar a governar o Rio Grande do Sul.

Nos dois Governos do Rio de Janeiro, Brizola revolucionou. Idealizados pelo saudoso Darcy Ribeiro e com a concepção de Oscar Niemeyer, Brizola construiu mais de 500 CIEPS, os chamados brizolões, escolas de tempo integral. Ao Investir na educação, inaugurou a Universidade Estadual do Norte Fluminense. Ainda marcou época quando mostrou para o mundo a sua obra prima e em tempo recorde construiu a passarela do samba, o Sambódromo, com capacidade para mais de 85



mil pessoas, onde funciona também o museu do samba e um imenso CIEP, sem esquecer da Praça da Apoteose, onde são realizados *shows* e eventos populares.

Também criou a fábrica de escolas, responsável pela fabricação de material para a construção do CIEPs. Contratou mais de 36 mil professores. Ampliou em mais de 8 mil o número de vagas das escolinhas do SUDERJ, criou o projeto Uma Luz na Escuridão, levou água e esgoto às favelas, legalizou mais de 40 mil propriedades, entregou 13 mil títulos de terra, com o Programa Cada Família em Lote, e mandou construir a Linha Vermelha. Fez tanto pelo Rio de Janeiro quanto fez pelo Rio Grande do Sul. Entre tantas realizações, Brizola sacramenta seu estilo de governar. O estilo forjado nos pampas gaúchos serviu de veia inspiradora para esse cidadão do mundo.

Brizola governa com austeridade e não se conhece um só caso de desvio de conduta de sua parte ou da de seus assessores. Primou o Governador Brizola pela ética na política, nunca prometeu o que não pôde cumprir e jamais se locupletou com o dinheiro público. Teve em toda a sua trajetória um aguçado senso de responsabilidade e respeito pelo povo.

Antes de 64, no Rio Grande do Sul, lembro que foi duplicada a BR-386 e construída a ponte sobre o Rio Taquari, entre Lajeado e Estrela. Ao participar de um comício, disseram a Brizola: *“Brizola, não prometa construir essa ponte, porque muitos já prometeram e ninguém conseguiu cumprir. Por favor, não faça isso, prometer a construção dessa obra eleitoralmente é negativo”*. Brizola respondeu: *“Pediram para que eu não promettesse a construção dessa ponte. Não vou prometer, mas vou construí-la”*. Governador do Rio Grande do Sul, Brizola construiu a ponte



entre Lajeado e Estrela e todo o traçado da BR-386, conhecida à época como Estrada da Produção.

Brizola foi um desses políticos que nunca mudou de lado, que sempre teve coerência. Esteve sempre ao lado dos mais fracos, dos humildes. Gerou em sua vida grandes polêmicas. Chorou com a perda da sigla PTB, como descreve Carlos Drummond de Andrade num poema apresentado aqui. Bradou aos sete cantos que o Plano Cruzado era uma ilusão e não duraria muito.

Brizola, polêmico, cultivou amor e ódio. Muitos o amavam, mas, em compensação, seus opositores o odiavam. Ambos, de forma unânime, não deixaram de reconhecer seu exemplo e seu legado de seriedade e de honestidade.

Fulminante na hora de alfinetar seus adversários, Brizola usava expressões que marcaram época, como: o sapo barbudo, o gato angorá, costear alambrado. Afirmava que muitos políticos costeavam alambrado, ou seja, se distanciavam, ficavam à beira da cerca, loucos para pulá-la. Brizola nos deixa saudades com seus “interesses”. Certamente, por longos anos, quando se falar em “interesses”, lembraremos o linguajar de Brizola, que deixou saudades neste jovem Deputado, que exerce o seu terceiro mandato e que ingressou na política graças à presença marcante de Brizola. Resta-nos continuar suas lutas e nunca esquecer que Brizola doou-se em vida para o povo brasileiro.

Só ingressei no movimento estudantil e participei de outras ações políticas porque acreditava e acredito que Brizola tinha a melhor e a única proposta para que o Brasil se torne um país de Primeiro Mundo: investimento maciço na educação. Sem educação, não há país que funcione. (*Palmas.*) Sem educação, não haverá jamais redução da criminalidade, nem da corrupção.



Pesquisa realizada recentemente em São Paulo mostrou que 50% dos eleitores, transcorrido um ano da eleição, não lembram do voto. Educação representa cidadania. Não basta aprender que 2 mais 2 são 4; é preciso, com cidadania, ter uma visão crítica de tudo o que acontece em nosso País. E é essa a educação que Brizola pregava com os CIEPs. Não se trata apenas de ir à sala de aula, ficar algumas horas e ir embora para casa. Todos sabemos que o professor não consegue competir com a televisão e que o jovem estudante prefere ficar mais tempo na frente da televisão. Por isso temos de levar adiante a pregação de Brizola.

Deixo aqui, portanto, o meu sentimento de saudade e a emoção de alguém que esteve tão próximo de Brizola. Vou continuar admirando Brizola e militando na política com base nos seus ideais. Resta-nos continuar suas lutas e nunca esquecer que Brizola doou sua vida ao povo brasileiro.

Concluo este pronunciamento lembrando o que escreveu Darcy Ribeiro a respeito de Brizola, exatamente para aqueles que acham que Brizola, ao perder diversas eleições, considerava-se um derrotado por não ter chegado à Presidência da República. Ouçam o que escreveu Darcy Ribeiro:

“Fracassei em tudo o que tentei na vida.

*Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não
consegui.*

Tentei salvar os Índios, não consegui.

*Tentei fazer uma universidade séria e
fracassei.*

*Tentei fazer o Brasil desenvolver-se
autonomamente e fracassei.*



Mas os fracassos são minhas vitórias.

*Eu detestaria estar no lugar de quem me
venceu”.*

Obrigado. (Palmas.)



O SR. PRESIDENTE (Severino Cavalcanti) - Concedo a palavra ao nobre Deputado Zarattini, pelo PT.

O SR. ZARATTINI (PT-SP.) - Sr. Presidente, Deputado Severino Cavalcanti; meu caro Senador Pedro Simon; meu dileto companheiro José Woitchumas, o "Woit", eminente jornalista; querido Deputado Enio Bacci, que, em boa hora, solicitou a realização desta sessão solene para lembrar a toda essa juventude aqui presente uma personalidade extraordinária da nossa história no primeiro ano de sua morte; senhoras e senhores, Brizola ainda permanece vivo porque suas idéias continuam firmes nos corações e mentes de milhões de brasileiros.

Brizola representou sempre o ideário mais avançado para resolver problema que até hoje não foi solucionado adequadamente: a soberania nacional. Precisamos fazer do Brasil um país independente e desenvolvido, um país que não dê a seus filhos apenas alimentação, emprego, escolas, mas, principalmente, soberania nacional. É disso que precisamos, e é isso o que temos perseguido.

Homenageio particularmente o povo gaúcho na presença do grande Senador Pedro Simon e na lembrança de Getúlio Vargas, que não só centralizou o poder no período autoritário de seu governo. Mais do que isso, de um país que era praticamente a soma de capitânicas hereditárias, fez um Brasil uno e indivisível.

No final de seu primeiro Governo, Getúlio Vargas enviou a Força Expedicionária Brasileira para lutar contra o nazi-fascismo. E o Brasil foi o único País da América Latina a enviar forças para combater Hitler e Mussolini.

Ao final de seu Governo, em 1945, ano em que terminou a 2ª Guerra Mundial, já tendo estabelecido as bases da industrialização, com a construção de Volta Redonda e da Companhia Siderúrgica Nacional, Getúlio tomou as primeiras medidas



para construir uma grande indústria nacional neste País, que era sobretudo agrário. E, por isso, foi punido: as elites o derrubaram do poder. Seguiu-se então um período em que o País regrediu. Mas o povo, principalmente o do Rio Grande do Sul, restabeleceu Getúlio e o elegeu Presidente.

Surgiu, então, a figura de Brizola, essa fgura maiúscula, que conseguiu resolver a questão da soberania nacional, ao enfrentar, decididamente, ao lado de militares nacionalistas, tentativas de golpe em 1961 e 1964.

Façamos aqui, senhoras e senhores, justiça aos militares: à exceção do primeiro governo militar, os demais — e sou isento para falar dos militares porque resisti à ditadura, fui preso político e sofri torturas —, a bem da verdade, procuraram manter o patrimônio nacional, evitar as perdas internacionais de que tanto falava Brizola.

No entanto, o período neoliberal — os 8 anos do Governo Fernando Henrique — nos legou uma Nação depauperada, praticamente sem patrimônio, e um povo desempregado, na miséria.

Vamos agora reverter isso, colocando no lugar da pátria financeira do Banco Central, que só quer aumentar os juros e dar lucro aos grandes bancos, a Pátria brasileira de Leonel Brizola.

Viva Brizola! Viva o Brasil! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Agradeço ao Deputado Zarattini as palavras emocionadas.

E, com pesar, informo à Casa que esta possivelmente seja a última sessão em que contamos com sua participação, ao menos neste mês. Com o retorno do Deputado José Dirceu, o Deputado Zarattini nos privará de sua convivência, que é



sempre maravilhosa. Mas, certamente, S.Exa. voltará para esta Casa. É questão de tempo.

Durante o discurso do Sr. Zarattini, o Sr. Severino Cavalcanti, Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Enio Bacci, § 2º do art. 18 do Regimento Interno.



O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Informo aos próximos oradores que logo em seguida teremos outra sessão solene. Sendo assim, faço um apelo no sentido de que, se possível, utilizem o tempo de 5 minutos, aproximadamente.



O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Concedo a palavra ao Deputado Mendes Ribeiro Filho, pelo PMDB.

O SR. MENDES RIBEIRO FILHO (PMDB-RS. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Leonel Brizola foi um homem público que escreveu parte importante de nossa história política como Parlamentar, Prefeito e Governador. E sua jornada mostrou ao Brasil e ao mundo que a magnitude de líderes natos supera, em muitos momentos, os próprios mandatos formais.

O gaúcho e engenheiro Leonel de Moura Brizola, nascido em 22 de janeiro de 1922 no povoado de Cruzinha, ingressou no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em 1945. Tornou-se uma das principais lideranças nacionalistas de esquerda do País. Elege-se Deputado Estadual em 1947, fato que se repetiria em 1950 e, em 1954, obtém grande votação para Deputado Federal. Foi, ainda, Prefeito de Porto Alegre e Governador do Rio Grande do Sul de 1959 a 1962. Após as grandes realizações no Sul do País, é escolhido Deputado Federal pelo então Estado da Guanabara, em 1962, com a maior votação alcançada até então por uma parlamentar na história brasileira.

Ainda na década de 60, depois da renúncia do Presidente Jânio Quadros, liderou o movimento denominado campanha da legalidade, o que garantiu a posse do Vice João Goulart. Na ocasião, Brizola, ainda Governador do Rio Grande do Sul, mobilizou todo o País em defesa da Constituição e da democracia. Após a assunção ao poder pelos militares, em 1964, o nosso homenageado exilou-se no Uruguai.

Promulgada a anistia, Brizola retornou ao Brasil em 1979 e dedicou-se à reorganização do PTB, o que, por circunstâncias históricas bem conhecidas, ensejou a criação do PDT. A partir dos anos 80, a bandeira trabalhista tornava-se símbolo de



luta contra a miséria, o subdesenvolvimento e a dependência econômica, com a reforma agrária e urbana sendo reivindicações nacionais.

Nobres Parlamentares, lembrar Brizola, no curso do Trabalhismo brasileiro, significa fazer justiça àquele que foi signatário do documento estabelecido das diretrizes do novo partido. O texto, conhecido como a *Carta de Lisboa*, trazia a defesa de princípios programáticos assentados na representação popular, no pluripartidarismo, no nacionalismo getulista, no sindicalismo moderno e no desenvolvimento capitalista, orientado pelo Estado.

Em 1982, heroicamente venceu as eleições para o Governo do Estado do Rio de Janeiro. Sete anos após essa data, obteve, nas eleições presidenciais, expressiva votação, sobretudo nos Estados em que governou, prova inequívoca de reconhecimento popular. Em seguida, venceu novamente as eleições para o Governo do Rio de Janeiro.

Nosso homenageado foi um homem de ação e concebeu a melhoria do sistema educacional como uma das reformas de base mais importantes em nossa sociedade. As realizações de Brizola na política educacional, com a implementação dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), as escolas integrais do Rio de Janeiro, resultam da experiência adquirida como Secretário de Obras do Estado, Prefeito de Porto Alegre e Governador do Rio Grande do Sul. Desse modo, projetou, em escala estadual, o que fizera na Capital do Estado, multiplicando as salas de aula e aumentando significativamente os índices de escolaridade.

Dotou, à época, o Rio Grande do Sul de uma rede de ensino primário e médio que atingiu os Municípios mais desassistidos. Nos seus 4 anos de mandato, entre 1959 e 1962, o Governo de Brizola edificou 5.902 escolas primárias, 278 escolas



técnicas e 131 ginásios, colégios e escolas normais, num total de 6.302 novos estabelecimentos de ensino. O esforço governamental para a implementação do projeto foi acompanhado de intensa mobilização popular.

A proposta pedagógica presente nos CIEPs, com a escola de horário integral, pretendia atender o processo de reconstrução contínua do conhecimento, de tal forma a permitir que os alunos tivessem acesso ao saber historicamente produzido.

Sras. e Srs. Deputados, a história reservou-nos momentos de grande comoção, com o falecimento de Leonel Brizola. O PDT perdeu um grande líder, o País perdeu um grande defensor da ética na política, mas os grandes ideais, traduzidos nas ações de Brizola, remanesceram.

E, num País que deseja ver a atuação de líderes verdadeiramente vocacionados, o exemplo de Leonel Brizola muito nos ensinou. Aprendemos, sobretudo, a grandeza existente na luta por nobres ideários. E o PMDB deseja que continue viva a utopia desse homem aguerrido, sendo ela transmitida, como herança e como realização, às futuras gerações.

Sr. Presidente, Deputado Enio Bacci, caro Senador Pedro Simon, caros membros da Mesa, falar sobre Leonel de Moura Brizola é uma honra e representar meu partido neste momento enche-me de orgulho.

Fico a pensar o que as crianças que estão participando desta sessão solene amanhã poderão contar àqueles com quem conviverem em outros períodos da sua vida.

Leonel Brizola, de cuja carreira o Deputado Enio Bacci fez um histórico, deu prioridade à educação, cuidou da educação como poucos e mostrou ao País como pode ser corajoso um homem público.



Sabem, queria Leonel Brizola vivo hoje. O que será que Brizola faria? Será que ele caminharia pelas ruas envergonhado e de cabeça baixa? Será que ele bradaria a todo o Brasil o momento nojento em que vive a Nação, com denúncias que desqualificam em tudo a vida pública? Como será que Leonel Brizola olharia no rosto de cada menino que aqui está nesta Casa Legislativa, descrente da política, ouvindo que a política era tudo aquilo que o Brasil não precisava que fosse.

Duas coisas marcam Leonel Brizola e muito me marcaram também.

O Senador Pedro Simon escreveu um livro sobre Darcy Ribeiro. Nesse livro, há uma definição de Darcy Ribeiro sobre Leonel de Moura Brizola que acho uma das mais inteligentes que já pude ler. Indagaram a Darcy Ribeiro: *“Senador, o senhor, que é um homem estudioso, intelectual, um homem que pode nos dar aula de tudo, como pode ser liderado por Leonel Brizola?”* Darcy Ribeiro disse assim, com aquela sabedoria: *“Eu leio livros, Brizola lê gente”*.

Pois esse era Leonel de Moura Brizola, homem capaz de ler as pessoas, de fazer aquilo que as pessoas gostariam que fosse feito, de falar no lugar das pessoas que não podiam falar, de ser exatamente aquele que desejava um país melhor, do fundo do coração.

Meu pai — não poderia deixar de falar dele —, que muito conviveu com Leonel Brizola, tinha por ele um respeito crítico. Os 2 se enfrentavam, os 2 debatiam. Mas meu pai sempre lamentava que 2 homens não estivessem juntos, Pedro Simon e Leonel Brizola, muito embora eles nunca estivessem separados e ambos lutassem pelo mesmo ideal: a independência do poder político.



Um dia perguntei a meu pai: *“Pai, o que é um líder? Como se define quem é líder, pai?”* Meu pai me disse: *“Meu filho, no dia em que um líder te colocar a mão no ombro, tu saberás o que significa um líder”.*

Era 1992. Eu era, com muita honra, candidato a Vice-Prefeito pelo meu partido, em Porto Alegre, e César Schirmer, candidato a Prefeito. Por uma questão de presença, de ação do nosso candidato a Prefeito e pela história do nosso partido, chegamos ao segundo turno. Lá do Rio de Janeiro, de repente, não mais do que de repente, Leonel de Moura Brizola anunciou: *“Eu vou apoiar o Schirmer. Nós precisamos botar o Schirmer na Prefeitura. Estou indo ao Rio Grande para dedicar o meu apoio ao César Schirmer”.* No outro dia, chegou o avião com o Dr. Brizola, e eu corri para o aeroporto com o Schirmer para recebê-lo. O Dr. Leonel desceu do avião. Estávamos à sua frente. O Schirmer o cumprimentou, ele me cumprimentou e me perguntou como eu estava. Quando ele botou a mão no meu ombro, eu descobri que meu pai, mais uma vez, tinha razão. Ali estava um líder. A mão de Brizola forte, a mão de Brizola guia, a mão de Brizola conduzindo aquele político que estava começando, com a responsabilidade que devia ter na vida política.

Por isso, pela liderança de Leonel Brizola, pelos ensinamentos de Leonel Brizola, pela história de Leonel Brizola, pelo legado de Leonel Brizola, Mendes Ribeiro Filho, em nome do PMDB, só pode dizer uma coisa: muito obrigado, Leonel de Moura Brizola. *(Palmas.)*



O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Convido para compor a Mesa a Sra. Oniva Brizola Casele, sobrinha-neta de Brizola, representando a família e que coincidentemente possui o mesmo nome da mãe de Brizola. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Tem a palavra o nobre Deputado Júlio Redecker, que falará pelo PSDB.

O SR. JÚLIO REDECKER (PSDB-RS. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, familiares do homenageado, ilustres presentes, Senador Pedro Simon, que muito orgulha o Rio Grande do Sul pela postura ética e pelo trabalho que desempenha e que tem paralelo na figura de Leonel de Moura Brizola.

A Nação brasileira talvez prestasse maior homenagem a Brizola, no primeiro ano de falecimento desse gaúcho de Carazinho, se o tomasse como exemplo de como devem se comportar os homens na condução da sua vida pública e na defesa de suas paixões. Como ninguém, Leonel Brizola defendeu o socialismo e o trabalhismo, mas jamais colocou o seu partido — primeiro o PTB e depois o PDT — acima da ética e da moral na prática do bem comum.

O Brasil está vivendo momentos importantes. Nossos homens públicos deveriam se espelhar em Leonel Brizola. Sabemos como todos entraram na vida pública, mas não sabemos como alguns sairão, porque desrespeitaram fundamentos éticos de um mandato parlamentar — a cidadania, o dinheiro público e as regras democráticas.

É preciso que o Brasil — que é potencialmente rico, é verdade — não conviva com atos de corrupção, pois quando esses existem, principalmente financiados pelo dinheiro público, são as crianças, como as que aqui estavam, que ficam sem escola, são os mais velhos que não têm assistência à saúde, é o País que não cresce porque falta infra-estrutura. Tudo isso acontece porque falta aos homens públicos a



observação de princípios que não poderiam faltar. Por isso, todos deveriam mirar o exemplo de Leonel Brizola.

Muitos desses homens públicos divergiram de Brizola, muitos deles estiveram completamente à margem da sua caminhada histórica e não lhe permitiram caminhar no seu partido de coração, o PTB, mas Brizola recomeçou a jornada, reconstruiu sua vida pública, contestou as coisas em que não acreditava e fez um postulado daquilo que queria para o seu País.

Quantos homens públicos poderiam ter tido outra atitude em relação ao nosso maior patrimônio, os brasileiros, se tivessem, meu querido amigo Presidente Enio Bacci, observado o exemplo de Leonel Brizola? O que mais fica não são as palavras, que podem ser ditas por todos, mas o exemplo.

Lembro-me daquele pai que diz: *“Meu filho, não fume”*, mas fuma na frente do filho; *“Meu filho, não beba”*, mas bebe na frente do filho; *“Meu filho, respeite os outros”*, mas ele próprio não respeita. O exemplo é a maior lição que um pai pode dar para uma nação composta de homens e mulheres que, amanhã, assumirão o dever de dirigi-la.

Hoje os exemplos de homens como Brizola são raros neste País. Vemos a classe política enxovalhada, não só por acusações, mas por comprovações diárias na imprensa nacional. A propósito, Senador Pedro Simon, temos todos de reconhecer que, sem imprensa livre, não estaríamos tomando conhecimento dos fatos que hoje nos envergonham, é verdade, mas também nos encaminham para a punição dos culpados e o estabelecimento da justiça aos homens e mulheres de bem. O povo quer governantes que lhe sirva e não apenas que se sirvam do seu esforço, da sua contribuição tributária, de tudo que lhe é extraído diariamente — e



muitos não conseguem enxergar o exemplo de tantos que já foram e de outros que integram este Parlamento, como o nobre Senador Pedro Simon.

Encerro minhas palavras, querido conterrâneo Presidente Enio Bacci, dizendo que tenho grande admiração pela história de homens públicos que lutaram por aquilo que idealizaram como uma pátria mais justa e mais humana.

Lamento que hoje, neste primeiro ano de falecimento de Leonel Brizola, também Miguel Arraes — outro homem respeitável do ponto de vista de suas atitudes e idéias — esteja passando por momentos difíceis devido a problemas de saúde

O Brasil tem de olhar para esses homens e para aqueles que ainda estão entre nós que praticaram e praticam o bom trabalho na vida pública, a fim de gerar expectativa de futuro nos jovens. Do contrário, eles não vão querer fazer política, porque política tem de ser feita por pessoas decentes. E pessoas decentes, como Brizola, dão bons, não maus exemplos.

Emocionei-me tanto que esqueci de dizer que é um orgulho para o Partido Social Democracia Brasileira, que ora represento, homenagear Leonel Brizola. Embora tenha havido divergências quanto a algumas questões, temos grande admiração por tudo que o ex-Governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro realizou. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Com a palavra o Deputado Inaldo Leitão, que falará pelo PL. S.Exa. disporá de até 5 minutos para seu pronunciamento nesta sessão solene que lembra a passagem do primeiro ano de falecimento do Sr. Leonel de Moura Brizola.

O SR. INALDO LEITÃO (Bloco/PL-PB. Sem revisão do orador.) - Sr. Deputado Enio Bacci, Presidente desta sessão; caro Senador Pedro Simon; Exmo. Sr. Gilson de Brum, Prefeito de Jacuizinho, aqui representando os Prefeitos do Estado do Rio Grande do Sul; Sr. José Woitchumas, representante da imprensa; Sr. Rogério Favretto, representante da Casa Civil da Presidência da República; Sra. Oniva Brizola, sobrinha-neta de Leonel Brizola, representando neste momento a família do homenageado; Sras. e Srs. Deputados; estimada platéia.

Há um ano encerrava-se uma das mais longas e coerentes trajetórias políticas que o Brasil já conheceu. Com a morte de Leonel Brizola, a Nação perdeu não apenas o líder carismático, mas o grande lutador pelas causas da soberania nacional, da educação, da melhor distribuição de renda, sempre empenhado em livrar nosso País das garras do atraso e da pobreza.

E, em razão de sua própria experiência de vida, conhecia muito bem a pobreza, contra a qual aprendeu a lutar desde menino, órfão de pai, e conseguiu vencê-la devido à sua obstinação, ao seu trabalho e à sua dedicação aos estudos. Por isso, talvez ostentasse com tanto orgulho o título de engenheiro.

Talvez também por isso, valorizasse com tamanha pertinácia a educação, a ponto de marcar sua passagem pela Prefeitura de Porto Alegre e pelos Governos dos Estados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro com ambiciosos



investimentos na construção de prédios escolares, a exemplo das Brizoletas e dos CIEPs.

Em quase 6 décadas de vida pública, Brizola desenvolveu estilo único, protagonizando diversos dos acontecimentos que fizeram a história do seu tempo. Herdeiro do trabalhismo de Alberto Pasqualini e Getúlio Vargas, tornou-se o herói da esquerda nacionalista ao encampar empresas estrangeiras, promover desapropriações para reforma agrária e pressionar pelas chamadas reformas de base.

Logo após o golpe militar de 1964, no exílio, Brizola radicalizou sua atuação, articulando conspirações e incentivando a luta contra a ditadura militar. Em seguida, avançou nessas posições e passou a fazer contato com outros exilados brasileiros, a fim de discutir as opções do trabalhismo à luz da nova realidade internacional.

Após a anistia, em 1979, retornou ao Brasil. Propôs, então, um novo trabalhismo, um trabalhismo que respeitasse a propriedade privada, mas condicionasse seu uso às exigências do bem-estar social; defendeu a intervenção do Estado na economia, posto que em caráter de poder normativo, e apresentou uma proposta sindical baseada na liberdade e na autonomia das associações de trabalhadores.

Baseando-se nesses princípios, Brizola fundou, em 1980, o Partido Democrático Trabalhista — PDT, harmonizando as bandeiras de Alberto Pasqualini e de Getúlio Vargas às necessidades da época. Esses ajustes de enfoque, porém, não lhe fizeram esquecer suas raízes e sua opção de inconformismo ante a miséria, a fome e a exclusão de milhões de brasileiros.



Brizola manteve seu compromisso prioritário com as crianças e jovens de lhes assegurar educação e igualdade de oportunidades; assim como seu compromisso com a defesa dos interesses dos trabalhadores e contra a discriminação da mulher, não apenas no mercado de trabalho, mas em todas as instâncias da sociedade; com a causa da população negra, fundamental na luta pela verdadeira unidade nacional; com a proteção aos índios e com a preservação da natureza, garantia de qualidade de vida para todos os brasileiros.

Homem público raríssimo e brilhante orador, sempre defendeu corajosamente seus pontos de vista, mesmo quando isolado.

Em algumas ocasiões, sua voz parecia clamar no deserto, como ao comandar a Campanha da Legalidade e ao denunciar os juros excessivamente altos, o crescimento da desigualdade social e a condição de nação periférica a que nos sujeitamos face aos países ricos. Mais recentemente, bradava contra o surto neoliberal que se abateu sobre o mundo e que hoje se mostra alternativa inviável para o desenvolvimento da humanidade.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Senadores, senhoras e senhores, pode-se até divergir das concepções de Leonel Brizola, mas não se pode deixar de nele reconhecer um modelo de vida íntegra, de coerência ideológica, de atuação política digna.

Como costumamos dizer todos nós que habitamos o mundo político do Brasil: que falta ele nos faz!

Em nome da Liderança do PL, rendo à sua memória, portanto, a mais respeitosa e justa homenagem.

Muito obrigado. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Registramos a ilustre presença, no plenário, do Senador e ex-Ministro Cristovam Buarque. (*Palmas.*)

Registramos também as presenças dos Srs. Élio Gilberto Luz de Freitas, Prefeito de Santo Antônio do Planalto; Acácio de Souza, Prefeito de Coqueiros do Sul; Sávio Farias, representante do Governo do Estado do Rio Grande do Sul em Brasília, e, com muito orgulho, de Georges Michel, Presidente do PDT do Distrito Federal, bem como do Deputado André Figueiredo, representante do PDT.



O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Com a palavra o Deputado João Fontes, que falará pelo PDT. S.Exa. dispõe de até 5 minutos.

O SR. JOÃO FONTES (PDT-SE. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente; Sras. e Srs. Deputados; Senador Pedro Simon, que muito orgulha o Estado que deu à luz o filho muito ilustre cuja memória ora homenageamos e que, mais do que nunca, traz orgulho também ao País pela sua conduta, ética e decência; Sr. Gilson de Brum, Prefeito de Jacuzinho; Sr. José Woitchumas; nobre Deputado Enio Bacci, que teve a feliz idéia de homenagear esse grande líder; Deputado André Figueiredo; Sr. Rogério Favretto, representante da Casa Civil; Sra. Oniva Brizola, que muito nos orgulha com sua presença nesta solenidade; Senador Cristovam Buarque; demais Sras. e Srs. Deputados, povo brasileiro, em nome da Liderança do PDT, comunico que nosso Líder, Severiano Alves, encontra-se neste momento em São Borja, Rio Grande do Sul, ao lado do Presidente do nosso partido, Carlos Luppi, e de diversos companheiros de todo o Brasil — Senadores, Deputados, Vereadores, Prefeitos —, para prestar nossa homenagem à figura do grande mestre Leonel Brizola.

Não quero aqui ser repetitivo — os Deputados que me antecederam na tribuna já apresentaram a biografia do inesquecível Governador Leonel de Moura Brizola. Vou, então, reportar-me ao momento que vive nosso País.

Lembro-me de que no começo do ano passado, tive um encontro com o ex-Governador Leonel de Moura Brizola na Liderança do PDT na Câmara dos Deputados. Naquela oportunidade, era recente a minha saída do Partido dos Trabalhadores, e o País inteiro tomara conhecimento do episódio em que o Partido dos Trabalhadores expulsou a mim, a Senadora Heloísa Helena, o Deputado Babá e a Deputada Luciana Genro. Naquele momento de escuridão, quando o Partido dos



Trabalhadores fazia história com a comemoração de mais de 25 anos de luta pela ética, pela decência, pelo nacionalismo, encontrávamo-nos órfãos. Pensávamos: para onde ir?

Neste instante, reporto-me ao discurso do Deputado Mendes Ribeiro Filho, do PMDB do Rio Grande do Sul, que disse: *“O líder, quando põe a mão, a gente sabe que é líder”*.

E isso mesmo. Ao conversar com Brizola na Liderança do PDT, ele, carinhosamente, colocou a mão em minha perna e disse: *“Olha, como eu gostaria de ver também a Heloísa Helena no PDT! Como eu gostaria, Deputado João Fontes, de vê-la em nosso partido! Como eu gostaria de ter a Deputada Luciana Genro! Como eu gostaria de ter o Deputado Babá! Vejo na Senadora Heloísa Helena a única pessoa, neste momento, a continuar a luta de quem já está cansado”*.

Brizola foi o primeiro a vislumbrar, a mostrar ao País que o Governo do Partido dos Trabalhadores não dava certo porque era cópia do Governo Fernando Henrique Cardoso, não trazia novidade nem um projeto de desenvolvimento para o País e, sobretudo, era frustrante na área de educação.

Lembro que Brizola marcou um almoço conosco no Rio de Janeiro. Os outros companheiros pensavam que o caminho não era o PDT. Desde o primeiro momento, porém, eu disse que o meu caminho era o PDT e que eu iria atrás dele.

Ainda criança, no meu Estado, Sergipe, aquilo que Brizola falava me encantava, porque, como disse o Deputado Enio Bacci, ele trazia na alma uma pátria maior do que a de todos nós. O seu nacionalismo e o seu amor às crianças, aos negros, aos índios, às minorias, enfim, fascinavam.



Brizola marcou história sem nunca ter traído o Brasil. E é claro que ele foi traído muitas vezes. Foi traído no momento decantado por Carlos Drummond, quando perdeu a sigla do PDT e chorou. Foi traído — hoje estou consciente disso — quando Golbery arquitetou o nascimento do Partido dos Trabalhadores para impedir sua chegada ao poder.

O rumo do País, obviamente, seria outro se Brizola tivesse sido Presidente da República, porque não lhe faltaria coragem para lutar contra os poderosos, como fez o tempo inteiro, sem ceder às grandes empresas de comunicação do País, sem ceder aos encantos do capital, sem ceder aos encantos do poderosos.

Sabemos como é infeliz o povo brasileiro, que não tem tido sorte com seus governantes. Fomos às ruas lutar pelas diretas. Com a frustração das diretas, fomos às ruas lutar pela Nova República. E fomos às ruas acreditando que FHC poderia, pela sua história, mudar o curso do País. Não mudou.

Sr. Presidente, algo que mexe com a alma e com o sangue é ver a desfiguração de um partido — isso é muito pior que tudo. Em 1989, 1994 e 1998 o povo chorou a frustração de não ver Lula Presidente da República. Em 2002, porém, o Brasil viveu uma apoteose quando Lula subiu a rampa do Palácio do Planalto. Lamentavelmente, o que vemos hoje é essa desfiguração da República do PT.

Ouçó, com prazer, o nobre Deputado André Figueiredo.

O Sr. André Figueiredo - Sr. Presidente, Deputado Enio Bacci, senhores membros da Mesa, Senador Pedro Simon — que muito admiro pela trajetória política muito próxima à do nosso Líder maior, Leonel Brizola. Agradeço ao Deputado João Fontes o aparte, pois não poderia deixar de relatar um dos momentos tristes, porém mais emblemáticos que vi na minha recente vida pública: o velório do Governador



Leonel Brizola. Foi grande a emoção que tomou conta de milhares de pessoas, tanto fora do Palácio Guanabara, como no salão onde estava sendo velado o seu corpo. Era o agradecimento espontâneo — logo depois de serem cantados *A Internacional* e o *Hino da Independência*, de que Brizola tanto gostava — de negros, de mulheres, de jovens e de trabalhadores pelo legado, pela brilhante história, pela identificação e, como bem disse o Deputado Enio Bacci, pelas palavras de Brizola, que representavam uma pessoa que tinha uma grande Pátria dentro si próprio. Nós, que aqui ficamos e que continuamos essa trajetória no PDT, mais do que nunca, temos de dar continuidade a sua missão. Leonel Brizola deu a vida e morreu pelo Brasil, e temos de lutar incessantemente para vermos nossa Pátria efetivamente livre.

O SR. JOÃO FONTES - Sr. Presidente, ao concluir peço a Deus que ilumine o povo brasileiro para que mire o exemplo de Brizola e, assim, saiba aproveitar o grande momento para reconstruir nossa Pátria — fazê-la uma pátria justa, igualitária, fraterna, soberana e, sobretudo onde seu povo seja feliz.

Era o que tinha a dizer. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Anunciamos a presença do Sr. Francisco Temoteo, uma grande liderança do PDT e fundador desse partido no Distrito Federal. Seja bem-vindo.



O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Concedo a palavra ao Deputado Arlindo Chinaglia, que falará pela Liderança do Governo. S.Exa. dispõe de 5 minutos.

O SR. ARLINDO CHINAGLIA (PT-SP. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Deputado Enio Bacci, a quem cumprimento especialmente por ser o autor do requerimento de realização desta justa homenagem a Leonel Brizola; Senador Pedro Simon; Senador Cristovam Buarque; demais componentes da Mesa; representantes da imprensa; familiares; Sras. e Srs. Parlamentares; minhas senhoras e meus senhores, inicialmente, registro que a PETROBRAS homenageará o ex-Governador, ex-candidato a Vice-Presidente na chapa de Lula, o grande Leonel Brizola, apondo seu nome em uma de suas unidades. (*Palmas.*)

Talvez não tenhamos o distanciamento histórico para bem avaliar o grande papel de Leonel Brizola. Não farei referência a questões ideológicas ou políticas, ainda que estas tenham sido molas mestras da sua conduta, mas à ação determinante de alguns homens e mulheres, particularmente os que estão na vida pública.

Ao acreditar nas suas idéias, ao trabalhar valores e ao perseguir seus objetivos, Leonel Brizola foi homem de raríssima coragem. E a história da sua vida prova isso: Governador do Rio Grande do Sul, Governador por duas vezes do Estado do Rio de Janeiro, Deputado Federal, entre outras coisas, seguramente o saudoso Leonel Brizola teve papel destaque. E, quando me refiro a objetivo e a coragem, desejo me centrar na sua capacidade de resistência àquilo que em dado momento oprimiu o povo brasileiro.

É claro que estamos todos sujeitos ao erro, mas Brizola acertou nos valores e nos princípios em defesa da democracia. Quando organizou o chamado Grupo dos



11, havia a possibilidade inclusive do enfrentamento armado, mas o objetivo em si era o de garantir ao povo brasileiro a liberdade a partir do processo institucional.

Tormentosos momentos da vida nacional resultaram no golpe de 64. Brizola optou pelo exílio no Uruguai, mas em momento algum abdicou da luta contra a ditadura militar — ainda que, por problemas particulares, pudesse se ter recolhido à valiosa vida familiar — para fazer do Brasil uma nação soberana e democrática.

Ressalto sua coragem e seus objetivos, entre eles o de uma sociedade mais justa, na qual os pobres pudessem ter melhor condição de vida, e o de uma educação pública de qualidade. E apostar na educação — está presente o Senador Cristovam Buarque — é acreditar na inteligência e na dedicação de cada homem e de cada mulher, que podem não ter nenhuma outra possibilidade a não aquela proporcionada por ser seu esforço e conhecimento.

No meu partido, temos profundo respeito pelo saudoso companheiro Leonel Brizola, e não nos incomodam as divergências. Estas são próprias de quem busca a verdade, de quem trata com lealdade as suas causas. Mas não é tolerável que, pela divergência, se tenham atitudes inadequadas, o que, evidentemente, Brizola jamais praticou. Ele era um homem da polêmica e do debate, mas era lúcido e experiente.

Lembro-me de que, quando Secretário-Geral do PT, havia a Frente de Oposição. Dela participavam, entre outros, Brizola, Arraes — e fazemos todas as orações para que o Deputado Miguel Arraes supere o momento de dificuldade porque passa —, o falecido João Amazonas e o Presidente Lula. Naquele momento de privatizações por que passava o País, em uma reunião com Deputados da Oposição, Brizola pediu calma, fez apropriada auto-referência e, depois de instigante



análise, como era de seu feitio, pronunciou a seguinte frase: “*O diabo é sábio não por ser diabo, mas por ser velho.*”

São várias as passagens de que me lembro. Quando, por exemplo, morei semiclandestinamente em Porto Alegre — à época o hoje Senador Pedro Simon era brioso Deputado Estadual — o grande elo da luta gaúcha passava pelo nome do então exilado Leonel Brizola.

Assim, Sr. Presidente, em nome do Governo, em meu nome e em nome dos militantes da Esquerda brasileira, presto nossa justa homenagem ao grande Leonel Brizola.

Muito obrigado. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Com a palavra o Deputado Colbert Martins, que falará pelo PPS. S.Exa. dispõe de até 5 minutos para o seu pronunciamento.

O SR. COLBERT MARTINS (PPS-BA. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Deputado Enio Bacci, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, demais presentes, há pouco estive com o Deputado Roberto Freire em reunião da Executiva Nacional do Partido Popular Socialista, e é em nome do PPS que falo desta tribuna, rendendo as mais justas homenagens que se pode prestar a um homem como Leonel Brizola, bem como a tudo o que ele encarnou na política nacional.

Aprendi a conhecer Leonel Brizola de longe, do sertão da Bahia, acompanhando muito de sua trajetória e de seus passos. Fui seu eleitor — um eleitor distante, mas de voto muito consciente —, em uma época em que tínhamos no Brasil pessoas que, como Brizola, souberam se conduzir politicamente do primeiro ao último dia, por meio de ações extremamente importantes e atuais, ações como as de Leonel Brizola na área da educação, e posições absolutamente firmes e necessárias.

Houve momentos conturbados, de mudanças de rumos, em que Leonel Brizola assumiu posições políticas discutíveis, seguramente diferentes daquelas que esperávamos. Foi, contudo, por suas posições que ele se destacou em várias ocasiões de sua vida, tal como na última campanha eleitoral, quando apoiamos o mesmo candidato. PPS e PDT estiveram juntos nas últimas eleições presidenciais apoiando o mesmo candidato, um candidato que Leonel Brizola, apesar de com restrições no início, apoiou de forma clara e incisiva.



A propósito, Sr. Presidente, algo permanece nítido e claro neste momento: continuamos a procurar nova alternativa para sairmos dessa armadilha paulista na qual o País se encontra.

O Presidente Leonel Brizola, assim como nós do PPS, embora ele o tenha feito primeiro, exigia mudanças de rumo, novas perspectivas e novos balizamentos deste Governo, o qual apoiamos, ajudamos a eleger e queremos que dê certo. Por um tempo, Leonel Brizola e o PDT mantiveram seu apoio ao Governo, depois se afastaram. O PPS fez o mesmo no final do ano passado.

O atual Governo não é o por nós almejado. É preciso que ele mude muito, até em homenagem ao que foi Leonel Brizola — e não é porque ele não mais está entre nós que assim o dizemos. No Brasil, temos o costume de endeusar as pessoas que se vão, exaltando o seu passado. Brizola, como todos nós, teve erros e acertos, mas muito mais acertos do que erros.

A Leonel Brizola, portanto, o nosso reconhecimento de que, neste momento, a sua presença seria fundamental. Ficou, porém, o seu exemplo, legado muito mais do que importante e que temos perseguido.

Sr. Presidente, senhoras e senhores, o escritor inglês Thomas Carlyle defendia tese segundo a qual são os heróis que fazem a história. É difícil concordar integralmente com esse posicionamento, quando nada, porque ele retira do povo a função de sujeito de sua história, de seus caminhos e de suas vontades.

O herói é aquele líder que compreende o seu povo e, por isso mesmo, conhece seus desejos, sabe como, em determinadas encruzilhadas históricas, levá-lo a seu destino. Compreender e agir — assim faz o herói.



Esta sessão solene tem o objetivo de homenagear a memória de Leonel de Moura Brizola, no primeiro aniversário de morte desse herói do povo brasileiro.

Já se vão mais de 40 anos desde a renúncia de Jânio, o que significa que quase duas gerações não tiveram a oportunidade de, naqueles dias sombrios para o País, acompanhar, com entusiasmo e decisão, a chamada Cadeia da Legalidade, sistema de rádio que Brizola comandava de dentro do Palácio Piratini, sede do Governo gaúcho em Porto Alegre.

Brasil afora, nas pequenas e a nas grandes cidades, o povo se ergueu em uníssono para protestar contra a decisão dos Ministros militares de então, que não queriam que João Goulart, o Jango, Vice-Presidente legitimamente eleito, assumisse o poder depois da renúncia de Jânio Quadros. E o povo não o fazia como quem defende um nome, um político, mas, essencialmente, para defender o princípio da legalidade constitucional, inteiramente ameaçada pela esdrúxula decisão daqueles Ministros.

De palácio governamental, Brizola comandou a reação popular. Na surdina, às escondidas mesmo, ouvia-se sua palavra de vibração e decisão, orientando e, ao mesmo tempo, exigindo o cumprimento da Constituição, exigindo o respeito à vontade popular, à vontade de um povo que, sob sua inegável liderança, também exigia a posse de Jango. E, como se sabe, ele venceu.

É óbvio que, com o golpe militar que ocorreu três anos depois, Brizola foi dos primeiros a serem punidos. Assim, foi obrigado a se exilar, deixando de lado um eleitorado que, somente no Rio de Janeiro, lhe confiou mais de 600 mil votos para Deputado Federal.



É certo que a vida de Brizola não se expressa apenas por esse movimento de cunho nitidamente popular. Mas, escolhido pela bancada de meu partido, o Partido Popular Socialista, para falar em seu nome nesta solenidade, pensei que seria necessário trazer às novas gerações esse capítulo de uma vida inteiramente dedicada a sua terra e a seu povo.

Brizola preencheu vários espaços na história de nossa República nos últimos 50 anos. Claro que não fez isso sozinho, mas junto com outras lideranças que também faziam do patriotismo seu lema de ação política e social. Mas ninguém poderá, ao escrever a História brasileira desse período, deixar de dar a Leonel Brizola o amplo e mais que merecido espaço que ocupou.

É a nossa homenagem, Sr. Presidente. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Nesta sessão solene pela passagem do primeiro aniversário de morte do Sr. Leonel Brizola, registro a importantíssima presença de um Parlamentar que foi mais do que um amigo pessoal de Brizola e pelo qual nutrimos grande admiração: o Deputado Neiva Moreira. Receba S.Exa. os cumprimentos de todos nós. Certamente, Brizola, além de tudo, o considerava um amigo do coração.

Em outras sessões solenes, apesar de não estar previsto no nosso Regimento, a palavra já foi concedida a convidados. Por isso, sem criar um precedente ou arranhar o Regimento Interno da Câmara dos Deputados, viabilizaremos a palavra a duas lideranças que representam diferenciados segmentos: primeiro, ao representante dos Prefeitos do Rio Grande do Sul, Sr. Gilson de Brum; segundo, ao Senador Pedro Simon, que, sem dúvida, aqui representa todo o Rio Grande do Sul e também o Senado Federal.

Alguns talvez nos critiquem, afirmando que essa iniciativa não é muito profissional, mas a esses lembro o ditado que diz que *“a arca de Noé foi construída por amadores; o Titanic, por profissionais”*.

Sem dúvida, uma sessão solene deve seguir mais o coração do que o Regimento Interno. Assim, seria inadmissível concluirmos nossos trabalhos sem antes ouvirmos os representantes desses dois setores.



O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Tem a palavra o Sr. Gilson de Brum, Prefeito de Jacuizinho, representando os Prefeitos do Estado do Rio Grande do Sul.

O SR. GILSON DE BRUM - Sr. Presidente, Deputado Enio Bacci; Sr. Senador Pedro Simon, Sr. José Woitchumas, Dr. Rogério Favretto, Sra. Oniva Brizola, Sr. Senador Cristovam Buarque, Sras. e Srs. Deputados; senhoras e senhores, é motivo de orgulho e de grande satisfação poder falar um pouco sobre a vida de Leonel Brizola.

Meu discurso terá como parâmetro duas teses que defendo. A primeira é de a cultura ser um conjunto de valores. E, quando falamos em cultura, em geral, pensamos nas artes plásticas, no cinema, na televisão, no teatro, no folclore, mas, a nosso ver, esses são apenas instrumentos de cultura, e, sim, a educação, um dos mais fortes — ou era até pouco tempo.

A outra tese que defendo diz respeito à interação do ser. O político só será político e o profissional só será profissional no dia em que houver coerência entre seu pensamento, sua expressão e suas atitudes, como ocorria com Leonel Brizola.

Brizola sofreu na vida e não atingiu um dos seus grandes objetivos: ser Presidente da República, justamente por causa da coerência que havia entre seu pensamento e sua forma de falar, que mantinham consonância com suas atitudes e sua forma de agir.

Brizola não se rendeu a desejos de corporações. Era um nacionalista por natureza, um defensor deste País, e instrumentalizava o seu pensamento e suas ações por meio da educação.

Apenas para lembrar um dos seus pronunciamentos, em 1961, na União Nacional dos Estudantes no Rio de Janeiro, disse:



“A educação é o único caminho para emancipar o homem. Desenvolvimento sem educação é criação de riqueza apenas para alguns privilegiados. É fazer os ricos mais ricos e poderosos, e os pobres mais dependentes. (...) É necessário que o povo participe dos lucros sociais do desenvolvimento. Eis por que reafirmamos que a educação deve ser considerada como uma espécie de pré-requisito do desenvolvimento, pois que só ela prepara o homem ou para usufruir os benefícios do progresso ou o arma para reclamar conscientemente esses benefícios”.

Brizola foi criticado por corporações e por grupos que não o entendiam — ou não o queriam entender. Lamentavelmente, os homens públicos de bem só recebem o devido reconhecimento após a morte. Por que não reconhecemos as pessoas, os homens públicos de verdade, que demonstram coerência entre pensamento, expressão e atitudes, durante a sua trajetória de vida?

Brizola era, sim, radical nas suas idéias, mas também buscava a conciliação. Quando ele via a parte mais fraca querendo cair, desabar, corria para socorrê-la.

Quem não conhecia o seu palavreado, como aqui lembrou o Deputado Enio Bacci? Ele dizia sempre, no final de suas frases: *“compreendeu?”*. Quando o Presidente Lula ainda era candidato, certa vez Brizola brincou dizendo que ele estava como um cachorro que caíra do caminhão da mudança; não sabia que rumo tomar. Quem não lembra dessa história?

Com toda a coragem que Brizola me inspira, afirmo que se ele hoje estivesse aqui fisicamente, nesta grave dificuldade por que passa o País, tenho certeza de que



atravessaria a rua e iria até o Palácio do Planalto e se solidarizaria com o Presidente Lula. (*Palmas.*) Tenho certeza, pelos seus atos de grandeza, de que Leonel de Moura Brizola promoveria amplo debate em seu partido a fim de solidarizar-se com o Governo, assim como fez em épocas passadas. No próprio Governo Collor de Mello, Brizola foi ao Palácio do Planalto e disse: “*Resista, Presidente*”. Quando a Nação inteira queria a cabeça de Fernando Collor, ele teve a coragem e a ousadia de dizer essas palavras ao então Presidente. Repito: tenho certeza de que, neste momento de dificuldade por que o País e o Governo passam, Brizola atravessaria, sim, a rua, e estenderia a mão ao Presidente Lula.

Para encerrar, quero citar o discurso que Brizola proferiu na Câmara dos Deputados, quando deixou este Poder:

“Vou, Sr. Presidente, para o contato dessas multidões esquecidas da justiça social. Vou relatar como está funcionando o Congresso. Vou para o contato do povo, sem abandonar essa missão que procuro e procurarei desempenhar com o máximo de dedicação. Vou alertar o nosso povo, porque estou convencido de que não sairá decisão alguma do Congresso se o povo não se mobilizar nas ruas. Não há como negar que há uma correlação entre a maioria da Câmara dos Deputados e do Senado Federal com as classes dominantes e privilegiadas”.

Obrigado, Leonel Brizola, pelos ensinamentos que nos deu ao longo da minha trajetória política.



Muito obrigado, Deputado Enio Bacci, por esta oportunidade. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Enio Bacci) - Obrigado, Prefeito Gilson de Brum, que aqui representou os Prefeitos Municipais do Rio Grande do Sul.



O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Convido para fazer uso da palavra o Senador da República Pedro Simon, do Rio Grande do Sul.

O SR. PEDRO SIMON - Sr. Presidente, Deputado Enio Bacci, meus irmãos, neste ato em que esta Casa presta sua homenagem ao Dr. Leonel Brizola, não há dúvida alguma de que temos que parar para pensar, refletir e analisar a figura que estamos homenageando. Podemos encontrar na história do Brasil grandes líderes, grandes nomes que prestaram inestimáveis serviços à nossa Pátria. Duvido que se encontre alguém que fez mais do que Brizola.

É interessante salientar que, assim como Lula, Brizola nasceu e cresceu em condições humildes junto a sua mãe. Seu pai foi cruelmente assassinado em uma luta política. Guri, ele foi para Porto Alegre, a fim de tentar ser alguém. Foi ascensorista, ocupou várias posições, até que conseguiu uma vaga numa escola técnica. Ali ele estudou e foi parar na Escola de Engenharia.

Na Escola de Engenharia, entrou para a Ala Moça do PTB — o PTB do Rio Grande do Sul, diferente do PTB nacional, modéstia à parte. Lá, tínhamos o Dr. Getúlio, um grande nome, mas também tivemos o maior teórico do mundo social, Alberto Pasqualini, que ditou a orientação do trabalhismo, principalmente no Rio Grande do Sul; lá tivemos o Dr. João Goulart e tivemos o Dr. Brizola.

Brizola, da Ala Moça do PTB, ainda estudante de Engenharia, elegeu-se Deputado na Assembléia Estadual Constituinte. Muito jovem foi Prefeito de Porto Alegre e Governador do Rio Grande do Sul.

É impressionante a obra administrativa do Governador Leonel Brizola. Dedicou-se, desde que era Prefeito, à causa da educação e da mocidade. Ele dizia que, para o Brasil progredir e crescer, ocupar lugar de destaque, a primeira bandeira



era educar a mocidade. Cinco, 6 mil escolas construiu enquanto estava no Governo do Estado.

Numa época em que certas coisas que existem hoje ainda não existiam, ele teve a coragem de arriscar e privatizou a companhia de energia elétrica americana e, com grande autoridade, a empresa telefônica do Rio Grande do Sul. O Estado parava por não ter energia nem telefone. Construiu a Estrada da Produção. Realizou a construção de 5.500 escolas.

Quando não quiseram, em hipótese alguma, dar aço ao Rio Grande do Sul, porque diziam que aquele Estado não produzia minério e não possuía mercado de consumo, ele conseguiu que se iniciasse a construção da Aço Finos Piratini.

Quando jovem, batalhou pela campanha *O Petróleo é nosso*. Até hoje existe na região a torre de petróleo que ele e a mocidade levantaram. Construiu a Refinaria Alberto Pasqualini.

Foi ele que trouxe, na hora mais difícil, o significado da liderança e da capacidade. Estava ele seguindo o seu mandato de Governador de forma excepcional, extraordinária, e, de repente, não mais que de repente, o Sr. Jânio Quadros renunciou, e os militares se apossaram da administração e deram posse ao Vice-Presidente. Avisaram que João Goulart, que estava na China, não poderia sequer retornar ao Brasil. O fato é dado como consumado. No Congresso Nacional, na imprensa, o assunto estava consolidado.

Eis que o Governador do Rio Grande do Sul, por meio da *Rádio Guaíba*, que ele tomou, montou uma cadeia de transmissão para todo o Brasil e promoveu a Campanha da Legalidade. Talvez seja esse o movimento social popular de maior



significado, pela sua vitória, porque fez recuar os militares, o Congresso, e o Sr. João Goulart tomou posse no cargo de Presidente da República.

Brizola era ainda jovem àquela época. Lembro-me de que nos preparávamos, marchando, cada um recebendo seu revólver, para vir em direção a Brasília, quando João Goulart, homem de mais paz, menos impetuoso, aceitou a emenda parlamentarista e veio assumir seu papel. Quando renunciou para evitar uma guerra civil, estávamos naquela madrugada em Porto Alegre, e Krueel, Comandante do II Exército, em vez de se dirigir, como era seu dever, a Minas Gerais e esmagar Juiz de Fora, dirigiu-se ao Rio de Janeiro. Antes disso, ele exigiu que João Goulart dissesse que renunciava totalmente à Esquerda e a todo aquele movimento. Negou-se João Goulart e teve de ir para Porto Alegre.

Lá estávamos nós, de madrugada, com o General Ladário, nomeado então Ministro da Guerra pelo Presidente João Goulart, e Brizola pedia: *“Nomeie-me Ministro da Fazenda e nós iniciaremos a resistência, vamos lutar”*. O Governo João Goulart, de certa forma, estava imitando fato ocorrido no Governo do Dr. Getúlio Vargas. Quando este sofreu golpe de Estado, Tancredo também lhe pediu o seguinte: *“Nomeie-me Ministro da Guerra e derrubarei esses generais que o estão traindo”*. Getúlio preferiu o suicídio; Jango, o exílio.

Brizola continuou na sua caminhada, 15 anos no exílio, ele e sua querida Neusa, exemplo fantástico de amor, carinho e afeto. Cuidávamos de seus filhos, que ficaram no Rio Grande do Sul, com muito amor e afeto. Afinal, ele estava lá em busca de um caminho. Teve de sair da embaixada rumo aos Estados Unidos. Quando voltou anistiado para o Brasil, participou da campanha Diretas-Já. Vitorioso, tentou influenciar na campanha presidencial. Não conseguiu, porque Sarney era do



outro caminho. Brizola sempre continuou no mesmo rumo, com suas idéias e princípios.

Não conheço ninguém como Brizola. Desde quando entrou na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul até a morte, permaneceu o mesmo. Sua linha foi sempre reta, firme e definitiva. Primeiro, protegia os pobres e os humildes, defendia um lugar ao sol para eles. Defendia a educação para a mocidade. Defendia o País da dureza do capital internacional, das perdas de suas riquezas ao longo do tempo. Defendia um Brasil independente, com uma política voltada para os interesses sociais. Ele sempre foi um homem com as mesmas idéias e os mesmos princípios.

Na Anistia, voltou para cá. No Governo do Rio de Janeiro, fez campanhas espetaculares 2 vezes; organizou talvez a obra social mais conhecida no Brasil e mais respeitada no mundo: os CIEPs. Lá, a criança não se restringia apenas às 4 horas de estudo. Tinha ela também alimentação, roupa, lazer. Chegava ao colégio, botava sua roupa, dedicava-se ao estudo de manhã ou de tarde e, no outro turno, fazia as lições, brincava, aprendia uma profissão. Antes de voltar para casa, a moçada jantava.

Não posso esquecer-me de que Brizola recebeu de herança do pai de sua esposa, D. Neusa, uma quantia razoável. O único caso que conheço até agora no Brasil: em uma das fazendas fez reforma agrária para dar exemplo aos agricultores de que isso era possível.

Ouçó, com prazer, o aparte do Deputado Tarcisio Zimmermann.

O Sr. Tarcisio Zimmermann - Nobre Senador, V.Exa. recupera uma história que orgulha não apenas os gaúchos, mas todos os brasileiros. Não tive a oportunidade de privar da intimidade do engenheiro e Governador Leonel Brizola.



Contudo, ele me passa a idéia de uma dessas pessoas extraordinárias que adubavam quotidianamente seus sonhos com a experiência e a sabedoria da idade. Portanto, Brizola se encaixa muito bem no contexto daqueles que, segundo o poeta Bertolt Brecht, lutam todo dia e, por isso, são indispensáveis. Estou certo de que V.Exa. orgulha-se de ter convivido quotidianamente com tão grande homem e usufruído um pouco de sua sabedoria e experiência, que orgulha o País. Parabéns pelo pronunciamento. Parabéns ao grande homem que foi Leonel Brizola.

O SR. PEDRO SIMON - Ouço, com prazer, o nobre Deputado Mauro Benevides.

O Sr. Mauro Benevides - Nobre Senador Pedro Simon, quero prestar um testemunho a V.Exa. Em raríssimas viagens ao exterior, em missão oficial, visitei o Governador Leonel Brizola, no Hotel Roosevelt, em Nova York. Após 1 hora e meia de conversa, quando aportávamos, naquele momento, à abertura lenta e gradual, Brizola me deixou à porta do hotel e disse: *“Senador Benevides, essa abertura que anunciam não será lenta, ela terá de ser rápida; não será gradual, ela terá de ser ampla, geral e irrestrita”*. Naquela ocasião, ouvi pela primeira vez esse *slogan* que caracterizaria a anistia, que terminou por beneficiar Brizola e outros exilados do País. Esse é o testemunho que presto a V.Exa. no momento em que se homenageia o grande brasileiro Leonel Brizola.

O SR. PEDRO SIMON - Deputado Mauro Benevides, agradeço a V.Exa. o aparte.

É importante salientar um aspecto nesta hora tão triste da vida brasileira. Leonel Brizola foi Prefeito, Secretário de Obras Públicas, Governador do Rio Grande do Sul e, por 2 vezes, Governador do Rio de Janeiro. Não conheço uma vírgula que



se possa colocar quanto à seriedade e honorabilidade de Brizola. Quando saiu, o Exército invadiu sua residência, não deixou pena sobre pena, desmontou toda sua casa em busca de algo que pudesse comprometê-lo. Reviraram seu Governo por dentro e por fora, mas não encontraram nada que pudesse atingir o Dr. Leonel Brizola, um homem firme em suas idéias, que nunca teve preocupação com dinheiro nem com vaidade.

Fatos importantes devem ser salientados. Naquele primeiro turno — e o Collor ganhou —, tínhamos o Brizola, o Dr. Ulysses e o Mário Covas, figuras importantíssimas que acreditávamos que chegariam lá. Mas Lula chegou em segundo lugar; Covas, em terceiro; e Brizola, em quarto. Brizola procurou Covas, que concordou. Também pediu a Lula que renunciasse, pois ele, Brizola, também renunciaria, para que Covas fosse o candidato. Brizola assim o faria porque não podia pedir a Lula que renunciasse em seu favor, mas podia pedir-lhe que renunciasse junto com ele, e assim Covas ganharia de Collor, e a história seria diferente. Vejam a grandeza e o significado desse político.

Dr. Brizola, repito, foi sempre o mesmo em sua luta, suas idéias e princípios e em sua paixão pelo País. Brizola foi sempre o mesmo desde as origens do seu trabalho, na ânsia pela transformação de sua Pátria.

É impressionante, mas o mundo nos mostra ser isto possível: um Collor chegar à Presidência da República, e um Brizola não. Não chegou ao cargo que tanto almejava, pelo qual era apaixonado, para realizar as suas obras. Mas a vida é assim mesmo. Creio que ele somou muito mais à democracia brasileira pregando, defendendo, lutando e sofrendo apaixonadamente pelo Brasil.



Temos muitos homens a honrar e a respeitar na história do Brasil, mas nenhum deles teve a paixão, a garra, o sentimento, a raiva, a vontade de mudar de Brizola. Ele dedicou-se de corpo e alma ao Brasil, esquecendo-se de certa forma a tudo e a todos. Dessa tarefa se desincumbia dia e noite, no exterior ou aqui, em Lisboa ou em Nova York, sempre lutando por suas idéias. E perseguindo esses objetivos Brizola morreu, mas sua idéia permanece, e também permanecemos nós, seus herdeiros, o povo brasileiro.

Se Deus quiser — como ele dizia —, esta terra, que é rica, que é forte, que tem as maiores reservas de áreas agricultáveis e de água potável do mundo, que tem o povo mais digno, tranqüilo e responsável, esta Nação que nasceu para ser grande vai realmente se tornar grande.

Devo dizer que Brizola não tinha dúvidas quanto a isso. Citava sempre que a “elitizinha” brasileira não deixava que o Brasil se tornasse grande, referindo-se a nós, a elite política, empresarial, da imprensa. Enfim, dizia que não deixávamos que o povo ocupasse o seu lugar de destaque. Mas o povo ainda haverá de ocupar esse lugar, haverá de vencer, haverá de chegar lá. E nesse dia o Dr. Brizola haverá de ficar feliz, dia que está muito mais próximo do que muita gente imagina.

Muito obrigado.



O SR. JOSÉ ROBERTO ARRUDA - Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Tem V.Exa. a palavra.

O SR. JOSÉ ROBERTO ARRUDA (PFL-DF. Pela ordem. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, cumprimento o Senador Pedro Simon, o Deputado Mauro Benevides e todos os Parlamentares que hoje homenageiam a memória e a trajetória de vida do engenheiro, Governador, Deputado e, sobretudo, brasileiro Leonel de Moura Brizola. Tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente e de sentir seu amor pelo Brasil.

Mas gostaria de pedir licença ao nobre Parlamentar que preside esta sessão para trazer ao plenário da Câmara, neste momento, uma notícia que nos entristece a todos. Acaba de falecer, em São Paulo, o Dr. Paulo Afonso Martins de Oliveira, que foi Secretário-Geral da Mesa desta Casa durante décadas, inclusive no período do Dr. Ulysses Guimarães, a quem acompanhou durante toda a Constituinte. Foi também Ministro do Tribunal de Contas da União e dedicou grande parte de sua vida à Câmara dos Deputados, ao Poder Legislativo, ao Congresso Nacional.

No momento em que cumpro o dever de comunicar o falecimento do Dr. Paulo Afonso Martins de Oliveira, peço à Mesa que tome as devidas providências para que, na forma regimental, seja declarado luto oficial nesta Casa, à qual o Dr. Paulo Afonso dedicou toda a sua vida.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Na forma regimental, encaminharei a solicitação de V.Exa. ao Presidente titular desta Casa, Deputado Severino Cavalcanti. Certamente a Mesa tomará as providências necessárias.



O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Agradeço a presença a todos, em especial ao Deputado Neiva Moreira, que abriu mão de fazer seu pronunciamento, o qual certamente seria importante para esta homenagem.

Estendo o agradecimento desta Presidência aos Deputados e às lideranças do PDT que hoje se encontram em São Borja também prestando homenagens junto ao túmulo de Brizola, aos membros da Mesa, ao Prefeito Gilson de Brum, a Oniva Brizola, ao Senador Pedro Simon, que nos fez um relato histórico de extrema importância, a José Woitchumas, representando a imprensa, a Rogério Favretto, que representa a Casa Civil, e à platéia.

Desejo que esta sessão solene que lembra o primeiro ano da passagem do Governador Leonel de Moura Brizola sirva de inspiração para que tenhamos um País melhor, como desejava Brizola.



V - ENCERRAMENTO

O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Nada mais havendo a tratar, vou encerrar a sessão.



O SR. PRESIDENTE (Enio Bacci) - Está encerrada a sessão.

(Encerra-se a sessão às 11 horas e 54 minutos.)